

CADEIRA N.º 8

Patrono: Domingos Olímpio

Vaga: Falecimento de M. Fernandes Távora

Recipiendo: Francisco Alves de Andrade

Recipiendário: Aderbal Sales

Data da posse: 15 de agosto de 1974

ADERBAL DE PAULA SALES. Nasceu em Uruburetama, no dia 3 de maio de 1903. Diplomado pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 8 de dezembro de 1927. Professor do Liceu do Ceará e da Escola Normal do Ceará. Secretário de Educação e Saúde do Estado e de Saúde e Assistência do Município de Fortaleza. Curso de Organização Hospitalar, no Rio de Janeiro. Publicou: *Intenções* (1931); *Tuberculose, Terreno, Hereditariedade e Contágio* (1933); *Pedras e Metais Preciosos* (1933); *O Brasil e a Democracia — Subsídio para a sua História* (1938); *Povos e Líderes* (1942); *Orientação e Bases da Medicina Psicossomática. Aspectos Psicossomáticos da Civilização* (1931); *Gilberto Freyre e Alguns Aspectos da Antropossociologia do Brasil* (1945); *O Coração na Clínica de Ambulatório* (1951); *O Homem e a Paisagem* (1975).

Francisco Alves

Em seu formoso livro, *Introdução à Ciência*, Arthur Thomson considera que há no homem três índoles pelas quais o ser humano se diferencia em seus hábitos ou maneiras de existir: a índole prática — dos homens de ação; a índole sentimental — das pessoas emotivas; a índole científica — dos homens de pensamento.

Configuram-se três tipos fundamentais, compreendendo o fazer, o sentir e o conhecer. Todavia, o autor chama a atenção para os perigos de um certo predomínio tirânico da maneira de ser do homem, como se as coisas, montando a cavalo, saltassem por cima das idéias, as idéias por cima dos sentimentos, ou estes, em suas paixões, ousassem dominar às idéias e os fatos, como única preocupação do mundo.

O homem exageradamente prático orgulha-se de ser objetivo e de se ater aos fatos, desprezando a beleza da vida e o emotivo da imaginação criadora, cujo alcance vem expresso nestes versos de Goldsmith:

*“Só pela cultura do modo de ser emotivo
o homem atrela o seu carro às estrelas...”*

O autor põe o seu ideal na harmonia das índoles, pois todas elas são necessárias, sobretudo quando se respeitam e se combinam, no fazer, no sentir e no conhecer.

Esta Academia, que hoje completa oitenta anos, sendo por isso mesmo a mais antiga do Brasil, vem professando a harmonia das índoles, reunindo em seu grêmio, desde a sua origem, artistas da palavra, homens de pensamento e ação.

É na categoria de homem de pensamento e ação sistemática nos domínios de vossa profissão médica, de escritor e cidadão com valiosos serviços prestados à comunidade cearense, que ingressais hoje nesta Academia, Senhor Dr. Professor Aderbal de Paula Sales.

Certo vos anima o mesmo propósito de servir desinteressadamente e de ajudar-nos a lançar, nesta hora de crise mental, a nossa rede de pescadores de idéias e de símbolos.

Em dias de 1945, quando nos governava a Interventoria do Professor Beni Carvalho, fui encontrar-vos, a primeira vez, como Secretário de Educação e Saúde, em cerimônia cívica ocorrida no Teatro José de Alencar.

Havíeis então sido escolhido para Secretário de Estado com outros ilustres e dignos cearenses, por vossas altas qualidades de espírito.

O Ceará, com todas as naturais deficiências econômicas e financeiras, viveu dias eufóricos com ditadura híbrida carregada nos braços de intelectuais de talento em véspera de pleito eleitoral, portas abertas a todos, que eram atendidos com inteligência e liberalidade, por jurisprudentes, a exemplo de Monte Arraes, Secretário do Interior e Justiça, advogado Gomes de Matos, Secretário de Segurança Pública, jor-

nalista Júlio de Matos Ibiapina, Secretário da Fazenda, e os médicos Tomás Pompeu Filho, Secretário da Agricultura, e Aderbal de Paula Sales, Secretário de Educação e Saúde.

Aquela nova espécie de governo fluía no Ceará qual brisa mansa, livre de intransigências burocráticas e fora de eixos tecnocratas, fazendo lembrar o Estado de Platão, para quem são os filósofos as criaturas a quem é devida a função de dirigir politicamente a sociedade.

É que somente eles, com a experiência da pura contemplação no mundo das idéias, podem conhecer a realidade das coisas e a fiel e verdadeira ordem que se deve dar à sociedade humana.

Certa vez, alguém dirigiu-se a Monte Arraes, solicitando a sua mediação junto ao Interventor Beni, para a solução de caso administrativo atinente à Saúde Pública.

O emérito escritor, constitucionalista e talentoso pensador, Secretário do Interior e Justiça, declarou ao interessado que o caso estava afeto à Secretaria de Educação e Saúde, sob a gestão do Dr. Aderbal de Paula Sales, a quem competia resolver.

— O Secretário Aderbal vive muito abstraído — manifestou-se agressivamente a parte interessada, ao que Monte Arraes, com a amabilidade de sua formação erudita, replicou:

— O Dr. Aderbal Sales é homem muito reflexivo... Contraditara assim a censura com elegância, dando a conhecer a alta qualidade intelectual do homenageado desta noite.

Decorridos quase trinta anos, vimos aquilatar esta característica natural do vosso valor mental ao ler cuidadosamente os cinco livros de vossa autoria e a documentação com que vos apresentastes a esta Academia de Letras, exarando o nosso parecer.

No trajeto de vossa vida literária e profissional de médico humanista e professor de ciências naturais, ressumbra palpitante a reflexão da sabedoria que timbra em aliar pensamento e ação. Nos vossos escritos há revelação de ciência e cultura, vestidas sempre de gosto literário, expressão de

entendimento e comunicação, em estilo suave, simples, penetrante, erudito.

Nascestes em Uruburetama, onde abristes os olhos sobre a paisagem verde, entre flores e altos espaços azulados. O vosso berço nos canta o hino que a poética de Soares Bulcão expressou com grandeza de lirismo eloqüente:

*Tens a guardar-te o elo das montanhas,
Cadeia enorme de muralha imensa,
Onde teus filhos têm a mesma crença
Para expelir as pretensões estranhas.*

Da encantadora serra descestes com a juventude em flor a escrever o primeiro livro em que reunistes alguns ensaios singelos, breves, mas graciosos. O traço marcante do vosso talento literário está esboçado ali, naquelas 173 páginas sobre arte e moral, crítica literária e vida brasileira.

As preocupações de arte externam-se neste volume em que Carlos Chiacchio observou a serenidade nas conceituações críticas, “a suave música vocabular”, considerando mais o vosso pendor natural para o ensaio, “a forma tranqüila dos reflexivos, dos pensadores, dos filósofos”.

Em 1937 vos insinuastes no terreno da política objetiva com a publicação de *O Brasil e a Democracia*, livro de 127 páginas bem talhadas e sobre temas dominantes na política do nosso país.

Ascendestes a cogitações mais amplas em *Povos Líderes*, publicado pela Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, em alentadas 236 páginas sobre temas de interesse universal.

Volvestes então os olhos à memória dos que se sacrificaram na última guerra mundial, assinalando o fato de que, na expressão de Franklin Roosevelt, a geração da América tinha um encontro marcado com o destino.

Em 1971, a nossa Universidade Federal do Ceará, em profícuo e bem dirigido esforço de promoção dos valores culturais da terra cearense, publicou, por sua Imprensa Universitária, o vosso livro de ensaio sobre *Medicina Psicossomática*,

em que nos destes a conhecer a vossa índole teórica e prática, vossa melhor autenticidade como escritor de ciências. Identificamos neste belo ensaio de cultura médica o intelectual médico e o médico intelectual.

Se ressaltamos esta faceta de vossa índole é para banir o vesgo de uma certa mediocridade entre nós em evidência e que se compraz em insinuar incompatibilidade entre técnicos de ofício e aprimoramento intelectual.

Erguestes-vos da planície provinciana para mostrar aquele panorama da medicina psicossomática frente à medicina especializada, organicista e tecnológica, a qual, como expressais nas primeiras linhas do vosso estudo, “estava desvirtuando unilateralmente a medicina hipocrática do *consensus unus, conspiratio una*”. Ressurgiu, então, sob o ponto de vista filosófico, a psicossomática para evidenciar a unidade do binômio corpo e alma, que sempre preocupou, através dos tempos, médicos e filósofos. Acrescente-se que uma subespécie de neo-positivismo, tradicionalmente firmado no experimentalismo puro, sucedâneo da experiência sensorial, negou o poder da intuição e a visualização global, abrindo caminho ao tecnicismo puro, determinante do especialismo dispersivo e fragmentário. Ora, com intuição, há vinte séculos, Hipócrates antevia o valor da emoção na gênese dos estados mórbidos. É ferindo a tecla daquela determinante — espírito clínico, que concluístes com evidência: “espírito de análise e de síntese, eis as duas faces da verdade em medicina”.

“A doença — bem o dizeis com realismo filosófico e beleza literária —, a doença é um símbolo que a observação descreveu, para criar, dentro da metodologia científico-didática, a patologia, como se criaram posteriormente a anatomia e a fisiologia, que estudavam e viam apenas o órgão e sua atividade funcional e não o indivíduo na realidade proteiforme de sua instabilidade psicofísica, desdobrando-se num eterno vir-a-ser sob a ação de fatores internos e externos, para se caracterizar no que se chama individualidade humana.”

Considerando o organismo como um todo em suas múltiplas reações internas e externas, a orientação psicossomá-

tica (são conceitos vossos) permite entrever através do doente a doença, e da doença o doente, a reagir de acordo com os fatores que o envolvem e estruturam.

Divisamos aqui, num ângulo muito aberto, forte e muito verdadeiro, não apenas à luz da ciência, mas da divina poesia, aquele conceito que Mefistófeles grita com ironia na tragédia do *Fausto*, de Goethe:

*“O essencial da medicina é fácil.
Lê por dentro e por fora o mundo e o homem . . .”*

“O homem — dizeis com apoio em mais alta e nobre filosofia — é um ser cosmo-bio-psicológico, e a pura investigação quantitativa não poderá desvendar os seus anseios, problemas, distúrbios e conflitos.”

Verdade incontestável, o que assim revelastes de vossas convicções íntimas acerca do inefável mistério que ainda envolve o código da vida.

Um outro vosso livro, publicado pela Imprensa Universitária do Ceará, *O Coração na Clínica de Ambulatório*, dá a conhecer a vivência do cardiologista, em 228 páginas de experiência médica.

Embora de caráter mais técnico e não menos científico, há conteúdo científico e beleza de forma, comentados pelo prefaciador da obra, o Professor Clementino Fraga, de renome nacional e internacional, que louvou o trabalho do autor, na condensação atualizada de noções de clínica, dentro das bases de orientação psicossomática, considerando que o mesmo acertou ferir questões de cardiologia de caráter prático, “condicionadas à ação morbigênica de fatores inespecíficos bio-sociais”.

O mesmo trabalho mereceu bem tecido comentário do jornalista sociólogo Lúcio Lima, a louvar-lhe não só os aspectos bio-sociais do estudo, mas “o estilo vivo, transparente e sonoro, de quem sabe atravessar as durezas pétreas da narração científica, sem ferir o ouvido do leitor”. E acrescenta para evidenciar: “não cora o autor, como alguns falsos cien-

tistas, de unir a ciência à arte. Segue assim a tradição de Francisco de Castro, Roquete Pinto e — acrescentamos — de Miguel Couto, Afrânio Peixoto e, entre os da prata de casa, Otávio Lobo e Fernandes Távora, de saudosa e grata memória”.

O mérito dos vossos estudos, como sã doutrina, transpôs mesmo os umbrais de nossa província, como se vê da mensagem do Professor Emílio Mira y Lopez, um dos iniciadores e maiores divulgadores da psicologia aplicada no mundo, especialmente na América, que, escrevendo de Havana ao homenageado que ingressa nesta Academia, assim se manifestou:

“Dr. Aderbal Sales. Prezado colega:

Tenho a satisfação de lhe comunicar que no curso que acabei de ministrar, hoje, sobre “Medicina Psicossomática”, citei diversas vezes o seu trabalho, o qual mereceu os maiores elogios dos profissionais cubanos ouvindo as suas conclusões. Felicito-o, pois, sinceramente, e lhe envio os meus votos de prosperidade e sucesso nos futuros trabalhos que escrever e publicar.

Atenciosamente,

Mira y Lopez.”

Aquele a quem ides suceder nesta Academia, o Dr. Fernandes Távora, foi médico dos mais cultos e humanitários do Brasil. Foi também um sol das nossas letras, um artista da palavra, que deixou belas páginas, de harmonioso estilo e sublime poesia, de conteúdo humanista, voltadas para a sublimação dos valores humanos.

Por coincidência notável, os estudos do Dr. Távora no campo da medicina versavam sobre psicologia aplicada, a exemplo da tese que defendeu sobre Telepatia. As vossas preocupações são igualmente de fundo psicológico, dentro da mesma órbita ideal da ciência médica.

Numa época em que o universalismo do conhecimento é combatido em favor do especialismo e do tecnicismo puro, relembrando a índole do vosso antecessor, a matéria e forma dos escritos de um e de outro, justo é que enalteçamos aqueles que fertilizam os conhecimentos científicos com a beleza das letras e, ao mesmo tempo, trazem a estas o vigor da ciên-

cia. É que as letras sem o conhecimento científico nos parecem vazias de conteúdo, assim como a ciência sem a comunicação da beleza é coisa semi-árida e sem vida.

De tudo quanto lemos em vossos escritos, patenteia-se uma vocação para o magistério da Medicina, vocação de quem antes exercera a cátedra de Ciências Naturais no tradicional Liceu do Ceará.

Embora convidado para docente do ensino médico, desististes cedo. Quase pressentistes a crise universitária, diagnosticada no Brasil e no mundo por alguns estudiosos, como uma crise de humanismo, tornando-se o ensino superior árido, sem elã, porquanto sem motivação cultural, cada vez mais distanciado daquela necessária colaboração entre Técnica, Ciência e Filosofia.

Com o exclusivismo tecnicista, que empurra as universidades para especialismos fragmentários, sem qualquer tempero humanista, as instituições educacionais correm o risco de se esvaziarem, sem oportunidade da interação ou entendimento entre a experiência e maturidade dos valores antigos, de expressão cultural, e o ímpeto renovador dos valores nascentes, moldados no positivismo tecnicista e pragmático.

Ocorre, e servimo-nos de uma imagem poética, ocorre que, para os intelectuais de sensibilidade, há frustrações sem remédio e desesperança, parecendo-lhes a Universidade o Inferno de Dante; para os que se rebelam, sem diálogo, ela é o Paraíso Perdido de Milton; e para os que manejam a sua estrutura, ela os trai, como na tragédia do Fausto de Goethe.

Para onde vamos? Nós outros cremos com otimismo na salvação. O que atualmente tortura é a tempestade da antítese. E a vitória virá, não do pacto entre o diabo e o homem, mas da síntese perfeita em que a técnica será posta definitivamente a serviço da humanidade.

Virá com o humanismo integral, com a renascença da espiritualidade que se anuncia pela comunicação universal do pensamento livre, pela comunhão do amor e da beleza.

Dominará o sentimento sobre a razão? Cremos simplesmente que haverá harmonia, porquanto, como escrevia Bacon,

a razão não é uma luz seca, “é mister que a lágrima das coisas a fecunde, para que o demônio da dúvida não nos tente com as suas promessas”.

..... *Oh cânticos celestes
que abrir-me enfim soubestes
a fonte onde a ternura as lágrimas encerra.
Por vencido me dou: reconquistou-me a terra.*

Falando nesta Academia tão compreensivamente presidida por Eduardo Campos, escritor genuíno, líder do jornalismo de empresa, a carregar nos ombros um fadário de imprensa cuja índole o seu acendrado humanismo talvez repare ou conteste, não poderíamos deixar de pôr no fecho destas palavras mais uma reflexão.

A nossa mensagem diz respeito àquela marginalização do escritor, referida por Afrânio Coutinho e certificada por Tristão de Ataíde, nestas palavras amargas: “a literatura brasileira existe, mas não vive”.

Afrânio analisa as causas próximas da imobilidade literária em nosso país, apontando entre outras: a ausência de educação universitária autêntica; a carência de vida literária organizada; falta de apoio e de organização em bases profissionais; a mentalidade sem tradição e sem ciência; o divórcio com o povo; o culto da improvisação e a política, que subjuga, limita e deprime.

Separado dos seus predecessores e do povo que o ignora, o escritor exerce a sua atividade como heroísmo. Vivendo de outras profissões, trabalhando os seus livros e artigos em horas vagas, o intelectual é menosprezado pelos companheiros de profissão e, não raro, crivado de críticas acerbas por quantos de visão limitada tentam afastá-lo do arraial na competição profissional e, assim, subestimam o seu valor cultural ou talento.

Há, todavia, causas mais altas de aspectos remotos que operam nos bastidores, conspirando pela marginalização do escritor ou homem de pensamento na sociedade que dele

necessita, mas subjugada por interesses materiais sem conta. Tais aspectos não são revelados pelas mais diferentes alas do humanismo contemporâneo, desde os participantes da Igreja Ecumênica, com o renascimento do cristianismo autêntico, às conjecturas de Marcuse, Shall, Karl Manhein, Rollo May, John W. Gardner, Paul Tillich, Ortega y Gasset e outros.

Subsiste uma renitente “contradição entre o homem e o seu mundo. Um sistema tecnológico dirigido exclusivamente para o consumo cria um mundo em que o “ser” é destruído pelo “ter”.

A automação, que substitui a energia muscular, a cibernética, substituindo o cérebro humano pela máquina sem que o cientista, o universitário, o técnico ou homem do poder político se conscientize de sua mais alta missão, poderão dar como resultado final, expressa um documento interpretativo da Conferência Mundial de Igreja e Sociedade, “uma existência unidimensional, sem vitalidade, sem criação, sem fecundidade; a sociedade sem poder para se renovar a si mesma”.

A técnica poderá tanto libertar como escravizar o homem. A especialização poderá não deixar lugar para o pensamento ativo, “poderá ser deturpada” pela criação de autômatos, de robôs viventes, sobrevivendo a despersonalização e o afastamento da imaginação criadora, tornando impossível a criatividade humana.

No caso universal vertente, novas estruturas de poder, constituídas não por aqueles que mais são, mas pelos que mais têm, esforçam-se por domesticar, tornando submisso, escravo, o mundo.

Focalizamos para os vossos olhos este pensamento-chave de Paul Tillich avocado por Ortega y Gasset, *in verbis*:

“A técnica transformou o mundo, e este mundo transformado é o nosso mundo e não outro. Nele devemos construir e inserir a técnica no sentido último da vida, sabendo contudo que ela é divina, libertadora e criadora, e é também demoníaca, escravizadora e destruidora. É ela dupla, como tudo que existe. . . Também ela, a libertadora, deve ser libertada; também o seu mito deve desaguar no grande mito de anseios

de toda criatura e seu afã de um novo ser, no qual a natureza e o espírito sejam reconciliados.”

É chegada a hora de os pensadores, escritores, jornalistas, professores e cientistas humanistas saírem ao mundo para realizar a verdadeira cultura que é tarefa de libertação, pondo a técnica e a ciência, assim como as letras e as artes, a serviço da humanidade e o homem a serviço do Amor.

Ora, “o Amor foi sempre cuidadosamente afastado das construções realistas e positivas do Mundo. Um dia, ensinamos o sábio jesuíta Teilhard de Chardin, terá que se decidir em reconhecer no Amor a energia fundamental da vida ou, se quiser, o único ambiente natural do qual se possa prolongar o movimento ascendente da evolução. Sem o Amor, coloca-se à nossa frente o espectro do nivelamento e da servidão; o destino da térmita e da formiga. Com o Amor está o aprofundamento do nosso eu mais íntimo na vivificante aproximação humana”.

Meu caro companheiro de Academia, Dr. Aderbal de Paula Sales:

Esta nossa Academia Cearense de Letras é um lugar ideal em que, com os olhos postos na realidade e no sonho, cuidamos da linguagem cultural, que, na expressão de escritores humanistas, é o instrumento indispensável da consciência refletida.

Aqui nos entendemos numa vivificante aproximação humana. Daqui saímos sempre a prestar um serviço desinteressado à comunidade na realização da cultura que é tarefa e esforço de libertação.

Este ponto ideal parecerá uma ilha, uma torre ou talvez uma prisão, pois nem sempre seremos compreendidos lá fora, mas temos a certeza de que estamos exercitando o ideal de desenvolvimento da espiritualidade cearense, e porque não dizer, brasileira, há precisamente oitenta anos da fraternidade, em busca sempre de soluções não simplesmente do “Ter”, mas do “Ser”, que nos conforta e ilumina.

Presos à comunhão deste enleio, permiti que os da comunidade acadêmica vos saudemos com estes versos de Goethe:

*Descei-me ao coração, mágoas de amor mimosas
que a espr'ança alimentais como o rocio as rosas.
Ave do paraíso, em teu cerrado ninho
não vejo senão paz, contentamento, alinho.
Oh! que rica pobreza, oh! que prisão risonha!*